

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLV



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2024

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

O presente tomo das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras* reúne as comunicações apresentadas nas sessões académicas da Classe de Letras nos anos de 2016 e 2017.

Título: Memórias da Academia das Ciências de Lisboa
Classe de Letras
Tomo XLV

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Impressão: Gráfica 99

Data de impressão: 2024

ISSN: 0378-116X

Depósito legal: 61370/92

DOI: <https://doi.org/10.58164/9cja-6g22>

Elogio acadêmico de Agustina Bessa-Luís

EDUARDO LOURENÇO[†]

Raramente terá Agustina explicitado e posto em fábula a sua poética — não só ficcional mas vital — como na caixinha das surpresas fulgurantes e aleatórias que é o livro *Um Cão Que Sonha*. Nela, autobiografia e mitologia andaram sempre a par. É mesmo essa a sua marca específica na ficção portuguesa do nosso século. Aqui, através da evocação de Maria Pascoal, jovem morta com um livro de génio à sua conta, visivelmente, Agustina revisita-se. A espiral sobre si mesma quase fechada de *A Sibila* é uma série de espirais em volta desse destino ímpar de Maria Pascoal que numa daquelas audácias a que nos habituou, Agustina enlaça com o destino de Nausica, a quem atribui, talvez para consolo de todo o feminismo cultural, a autoria da Odisseia...

Esta audácia parece pouco compatível com o charme emocional da precoce Maria Pascoal em que vê (e quem melhor o poderia ver?) “a fonte dos seus sonhos e vontades”. Dos seus, de autora precocemente e, ao contrário de Maria Pascoal, duradouramente célebre e celebrada. A passagem em que regista, por conta do seu jovem duplo, essa clausura, é, como tantas vezes em Agustina, de uma deliciosa ironia e lucidez: “Se Maria Pascoal chegasse a uma provecta idade, o que não foi o caso, havia de voltar o pensamento para o Monte-Faro e ver aí a fonte dos seus sonhos e vontades.” Sem estar ainda na provecta idade, Agustina, durante todo o seu livro (em toda a sua obra?) volta o seu olhar para o Monte-Faro dos sonhos informes e devastadores da adolescência eterna. E é com o olhar que vale toda a lucidez e todas as intuições dos seus comentadores, pois nela se misturam confissão e criação do seu mito pessoal. Escreveu: “Um dia vestiram-me de anjo para figurar num “quadro vivo” *A Escada de Jacob*. E a minha desilusão foi a de ter de vestir um colete onde estavam cosidas as asas. Foi a de aceitar a realidade do fingimento, a de não haver anjos mas só impostores. Mas hoje sinto um orgulho em ter sido um dos anjos na escada de Jacob, perto duma realidade forte e generosa como um amor sem sentimentos humanos.” (*O Livro de Agustina Bessa-Luís*, 2002, p. 111).

Confessar que se é um ser de exceção, não se confessa, com facilidade. Em *Um Cão Que Sonha* (em toda a sua obra) Agustina é uma memória mais rica que a verdadeira memória, uma memória que sonha um passado de sonho para no-lo tornar sensível, inesgotável como um verdadeiro presente. Recordando no interior de um presente que é sempre um passado sem margens ou um futuro virtual, Agustina desenrola diante de nós a viagem sem começo nem fim que é a sua escrita. Ela é o lugar do seu autêntico nascimento, a perpétua revelação de um tempo já morto e supremamente vivo, o que dorme nos armários fechados, nos corredores cheirando a maça, um tempo esfarelado, filho e pai de novas emoções que no fim sem fim da evocação se consolida e se torna lixo como a eternidade.

Para se encontrar, Agustina fiará como Penélope dos dois lados morais opostos, o da sombra e o da luz, a teia do mundo. As suas palavras, as suas imagens são fios desse tempo prisioneiro das coisas e dos seres, impregnado até à obsessão do gosto minucioso da vida, dos gestos dos vivos e dos mortos, entre violência e enigma, que confluíram na sua alma e a converteram num caleidoscópio de aventuras sublimes, grotescas, lamentáveis. Mas ao fim e ao cabo o único espelho das nossas vidas.

No início de *A Sibila*, o seu livro mítico, em si acabado e nunca findo — por isso termina no famoso “porque... porque...” —, e para aceder ao seu próprio rosto que Germana a herdeira se lembra de Quina, essa mulher que, num mundo arcaico e cruel para as mulheres, soube viver como uma criatura indomável, monstruosa e sublime, imagem de uma nova santidade, *viva*, como nenhuma outra da nossa literatura moderna, até por última — *Sibila* é o anúncio de uma nova — porque *eterna* — *humanidade* menos aquém ou além do Bem e do Mal que do milenário e desigual par humano e, a esse título, ao mesmo tempo um trunfo e novo epitáfio. Mas o que o seu romance consagrou foi a irrupção de um tempo alheio precisamente às teias implícitas de uma “modernidade” sem lugar para a obscura, irreduzível e incompreensível existência do único par *diferente*, pois tudo é *diferente*, foi naturalmente diferente como Leibniz o pensava das duas folhas tão iguais para nós. Em *Sibila*, Agustina dá corpo a uma figura *singular* mas de algum modo arquétipo de um destino de *eleita*, de uma eleição selvagem, ardente, como a de todas as que receberam o dom de ser quem são e de si como uma torrente ao fundo e ao limite de si mesma, dos que se queimam por nada no fogo da vida.

A obra de Agustina cobre, desde há meio século — quando apareceu na cena portuguesa como uma revelação —, a roda do nosso sol literário. A imagem parecerá obscura ou inadequada pois isso poderia querer dizer que a obra de Agustina ensombrou a paisagem literária nacional quando seria preferível dizer que ela a incendiou, que a assolou pela sua energia criadora, a sua proliferante presença, a sua diversidade de interesses e temas e, sobretudo, a sua incodificável e inconfundível originalidade. Não a posso comparar senão a uma sarça ardente, a qualquer coisa que como a bíblica representação da presença ofuscante de Deus, queima e ilumina. “Fogo e luz que em si mesma se consomem” e sem cessar se renovam, pois de nada mais vivem que da entrega sem entraves aos poderes de uma imaginação que os deuses lhe deram para que usasse dela como quem brinca, que é a maneira mais séria de existir.

A palavra de Agustina é tão caoticamente libérrima, tão rente à voz clónica da *Sibila* onde de uma vez para sempre se identificou com a vocação e o destino que escolheu de exprimir como em transe as revelações mais obscuras do sangue, do sentir, do sonho, do delírio, que e uma pretensão ridícula tentar remetê-la para aquela visão humanística da literatura que precisamente a espécie de milagre da sua ficção veio desarrumar e nunca mais será o que era antes dela.

Ninguém nasce de uma bolota, dizia Homero. Agustina descobriu a sua voz lendo-o — e imaginando-o como se ninguém tivera lido nada antes dela — sem muitos conselhos, entregue aos mil livres que lhe caíram nas mãos, na solidão povoada da sua infância, sonhando-a neles, inventando-a neles, refazendo-a, povoando a sua extraordinária memória das coisas vividas única na nossa literatura — dessa segunda vida, unicamente *imaginária*, a verdadeira vida, aquela onde o vivido se transfigura numa espécie de *ópera permanente*, com ela no centro ocupando ao mesmo tempo todos os lugares do palco.

Como todos os grandes escritores portugueses, Agustina é um extraordinário poeta. Poeta no sentido de Wilhelm Dilthey de alguém que concentra em si a energia criadora de uma época num grau incandescente. Ou, se se quiser, monstruoso. Mas a sua vocação não é a de dar voz à recatada subjectividade, à pura música interior. Agustina é uma guerreira, a sua guerra é a guerra do mundo, com o mundo, no mundo, como se fosse um mar de paixões, de violência de corpo e alma, o mundo como o século de Literatura masculina o havia pintado, vivido, assumido, deixando a outra metade dele na sua recatada

contemplanção. Com exceções, a maior de todas por primeira, a da autora de *O Monte dos Vendavais*. A crítica agustiniana aproxima muito a autora de *A Muralha* da gesta de Faulkner, do seu mundo de íntima violência, de inconfessáveis desejos, do amoroso culto da fatalidade e à evocação do seu condado arcaico Entre-Douro-e-Minho bastante para os aproximar. Mas a sua família é antes a de Emily Brönte. Bem mais do que as derrapagens nela incontroladas das múltiplas temporalidades que se cruzam nas suas histórias que nunca acabam e recomeçam porque nada as conduz senão o fio de uma memória oscilando sem cessar entre o vivido e o imaginário, mundo da pura evocação, evanescente como presença e de uma luz quase sobrenatural como coisa passada nesse passado ressuscitado [...].

A matriz romântica da sua escrita e visão do mundo foi desde cedo assinada, mas a sua pulsão não é a da nostalgia, salvo a do Paraíso... e desse momento para o de todos os tempos em que nada estava perdido e que só perdemos por falta de imaginação, pois esse tempo sem morte está sobre tudo o que existe para quem, como Orfeu, desce aos infernos para o resgatar. Bem jovem, Agustina, se lermos o que ela conta numa dessas infâncias inesgotáveis que lhe servem de álbum, se atribuiu essa missão de resgatar do esquecimento a árvore da vida onde enraíza, não na sua universalidade abstracta, mas na sua trama de destinos cruzados, sepultados no tempo, mas vivos misteriosamente inventando-se como numa genealogia real para a sua aparente e modesta história. Num dos seus mais barrocos e luxuriantes romances, *Os Incuráveis* — que são pelo menos dois —, revisitando e inventando-se com uma lucidez ofuscante na sua infância-adolescência solitária já cheia de pressentimento, se não de certeza da sua *eleição*, a colegial Maria seu visível-duplo retrata-se: “Deitava-se cedinho para visionar que era uma mulher maravilhosa, apaixonando-se como Isolda por um cavaleiro ferido; a sugestão das ligaduras brancas, da dor, desse clarão de paixões que se materializa e é tão simplesmente possível, e tolo e alegre e magnífico, na vizinhança com a morte, fazia-a estremecer. Uma avidez de destino derramava-se em todo o seu ser, e ela chorava. Porque tardava tanto tudo o que tardava havia centos de anos, havia serões sem conta, horas de morte e de renascer, horas paradas e em que até os seus cabelos e as suas unhas não cresciam, na expectativa dum milagre?! Espera — diziam as suas lágrimas inconsequentes e que saltavam sem lhe molharem o rosto; espera, espera

— diziam os pés que tropeçavam esfolando os sapatos de colegial, e dizia-o também a sua alma maravilhada, cega, tranquila, que a fazia rir no sermão das trevas, rir na câmara ardente dos mortos que se expunham aos que passavam, nos quatinhos baixos dos pescadores”. (*Os Incuráveis*, Lisboa, Guimarães Editores, 1956, p. 267).

Todo o trecho, um entre tantos outros perdidos na torrente quase sufocante das suas evocações parecendo uma Santa Teresa às avessas — mas também às direitas — decidida a tomar o mundo nos seus braços, aventureira como ela sonhando com empresas em Marrocos e martírio. Não seria senão em antecipação a essa guerreira disposta a pôr o mundo a seus pés mas que para essa vida textual — de texto, *textura* — a sua vida real, que a ainda jovem autora de *A Sibila*, de *A Muralla* e de *Os Incuráveis* se preparou. Esperou-se no passado e o passado por sua mão veio ao seu encontro. Em poucas personagens a poética da sua obra e o impulso obscuro e determinado de onde procede a sua criação será tão magistralmente expresso, digamos proclamado, como nessa sequência de *Os Incuráveis*. Através de Maria, Agustina pinta a sua *alma*, a sua futura *alma* de *Sibila*, e profetiza de si mesma, da suprema desordem da nossa *ordem ficcional* que é mais do que isso, por ser consciente assumpção, estética, ética, de uma espécie de *visão selvagem* — selvagem como a Beleza do Tigre de William Blake — da existência.

Os seus jovens anos Agustina descreve-os como “uma alma que repousa, porque espera, porque nela afluem caudais vertiginosos de força, de substância imperturbável, não como o sangue e como as células que se renovam e se recompõem, mas algo de definitivo como um elemento inominável, sem cor, sem forma, com presença apenas. Entretanto há uma alma que ri, já sem essa perversidade vital da infância, mas com a espontaneidade vegetal, a imprudência dos que farejam os primeiros mundos. Ri porque o pecado lhe parece frívolo, e, no entanto, devora-a o remorso porque engoliu saliva e pasta dos dentes antes de comungar; o sofrimento impõe-se pelo estético, e as mulheres que esfregam na areia os punhos cerrados, em dias de naufrágio, desencadeiam um humor bem-aventurado; e também os padres nos seus púlpitos, arremangando a capa, e também as carpideiras que clamam nos sobrados pelos mortos no mar, diante dum corpo vivo que comemora o drama já antigo. Um dia, essa alma que apenas espera e ri, isolará os factos das suas vestimentas, das suas

gualdrapas, das suas faixas, deixá-los-á nus como recém-nascidos, trémulos como a carne mais desprotegida e vulnerável — e então a emoção há-de trespassá-la, provocando-lhe essa morte momentânea que está em toda a dor que, de verdade, se comunica. Entretanto espera, e ri. Até que dos seus olhos caiam, uma a uma, as escamas e, nos seus dedos, floresça essa açucena que, ao tocar noutros dedos, floresce de novo como a verdade ao contacto com a alma humana, alma encantada onde dormem outros seres a sua velhice imatura.” (*Ibid.*, pp. 267-8).

Como se não bastasse, pela boca de outra personagem, David, irmão de Maria, Agustina completa o auto-retrato incompaciente e justo: “Achava-a notável mais por ser sua irmã do que pelo facto de possuir um número de atributos raros — o génio do coração, a coragem mais cruel, a capacidade da ingratidão, da injustiça, da parcialidade, o que são sempre índices fatais dos criadores do mundo” (*ibid.*, p. 270).

Quem escreve isto é a juvenil autora de *Contos Impopulares* e, apenas um ano depois, a já triunfante autora de *Sibila*. É bem fraca a inscrição de Agustina num novo espaço literário marcado pelo conceito de *desenvoltura*.

O autor do conceito queria então aludir a esta espécie de *indiferença ética* (mas também *ideológica* e ainda mais *política*) em relação a um qualquer imperativo *culturalmente* correcto ao qual a criação literária — ou outra — se deva submeter. Mas o que devia ter dito é que essa entrega sem precedentes — entre nós — aos demónios da imaginação era um pouco mais do que subversão dos cânones do nosso realismo — antigo ou moderno — era um mergulho no mar anterior a esta separação entre o que é *real* e merece ou convoca a música da representação e o que é incircunscrito àquilo que o nosso inconsciente borda sobre a trama de todas as vivências, que é a música audível e inacessível dos nossos próprios sonhos, o caudal de emoções e sentimentos que mais do que *nossos são nós*, mas sem trazer nome, sem figura própria à espera que alguém os nomeie. Agustina não foi ao seu poço interior buscar a verdade nua que lá não existe. Colheu-a na exploração de uma memória que cedo se encharcara de todos os rumores do mundo, de todos os seus cheiros, gestos, vozes, sem distinguir entre elas as que mereciam salvar-se na barca de Noé da vida das condenadas ao silêncio e ao nada futuro que todos o são. Não é isso indiferença aliás, tão-só um sentido raro da incandescência de tudo quanto existe só por existir e resistir a essa

mortalidade que não é nunca o “fim de tudo” mas a continuação mesma dessa incandescência. Só a ignorância dessa *mortalidade* ardendo como uma chama fria no coração da vida é verdadeira inexistência. Todos os grandes criadores o sabem mas o que antes dela — talvez porque o mundo estava dividido entre o da vida e o da morte — este mundo, o outro mundo — era sabedoria ou descoberta intermitente, tomou-se com ela uma espécie de evidência. Seria melhor dizer, Revelação.

Em nada esta percepção carnal, passe o paradoxo, da *mortalidade* como fogo corruptor e purificador de tudo quanto existe, tem que ver com a obsessão romântica da morte, renovada nos anos cinquenta pelo culto da angústia que no existencialismo encontrou as conhecidas configurações. Só tem que ver com a monstruosa “visão” donde procede a sua natural familiaridade com a vida mesma, corroída e iluminada pelo que a destrói no tempo de que a morte é só a sensível, de algum modo, a única, *consolação*. Descrevendo os seus começos literários, Agustina desenfadadamente na pele de Maria Pascoal de *Um Cão Que Sonha* confessa a sua convivência com o que não tem nome, o mais fundo, a força a que se assimila e a move: “Acontecia com a jovem Maria Pascoal, submersa numa espécie de oceano profundo, deslocar-se nessa dimensão que pertence aos peixes antes do aparecimento do homem na terra. Um entendimento por meio de ondas sonoras, nada que a palavra possa substituir. “E criou Deus os grandes monstros das águas.” Aqueles e outros sobre os quais foi destinado o homem dominar. Mas ele não teve poder absoluto sobre os abismos, porque lá não vigorava lei alguma. Eram as trevas, sem noite e dia a separá-las; as trevas unicamente. Os monstros das águas que não vieram à superfície vivem lá, eternamente. É com eles que o homem não tem pacto algum, e só a espécie rara dos criadores, monstros como eles, conseguem ir ao fundo das águas e reconhecer o contorno desses enormes corpos que fazem ferver as águas. Não é pelo efeito das fases da Lua que as águas fervem, mas pelo respirar dos monstros das águas, que Deus criou no quinto dia” (p. 117-8).

Lautréamont teria apreciado, Melville também. É esta imersão nas águas mais recônditas, onde o que chamam humanos se torna irreconhecível, que Agustina trouxe à literatura portuguesa, onde esse mergulhar não era desconhecido — sobretudo nos poetas —, mas raro, e logo cansado. Agustina fará dessa navegação uma epopeia, um jogo e mesmo uma comédia de dois

sentidos: os de Dante e a de Balzac na companhia ideal de Camilo, de Raul Brandão e do seu vizinho centenário, e, como ela, genial, Teixeira de Pascoaes. *Sibila* é a invenção desse mar e desses monstros que só essa descida ao coração selvagem da vida pode suscitar. É desencorajante e impossível tocar, mesmo ao de leve, nesse pélogo de sentimentos, de emoções, de onirismo hiper-realista e realismo hiper-onírico, o único, que são os grandes romances de Agustina *A Sibila*, *A Muralha*, *Concerto dos Flamengos*, *Um Cão Que Sonha* ou, a mais imprevisível das suas frases rasgando o céu da nossa monotonia com a espada dos anjos dela, tão semelhantes a demónios — bem à maneira de Dostoievski —, tão parecidos com anjos.

Por exemplo: “Respirando. Respirando contra a palma da mão, recebendo nas narinas o doce e viscoso cheiro da mão inerte e viva, com o seu pulsar de veias tão profundas sob uma pele levíssima; percebendo a torrente macia do sangue batendo nos seus ouvidos, e, vindo pelo filtro da areia, o desmoronar de minas secas que abatiam ao roçar dos pequenos vermes da praia; ouvindo o vento tocar os cardos e os juncos que, como agulhas, erguem a sua agressividade doirada, logo vencida pelo determinado peso da mão. Respirando. Irreal, com os olhos vigilantes sob as pálpebras fechadas, vendo os caminhos por entre o pinhal misterioso e convidativo, e os junquinhos de terrível aroma que se balançam nas dunas, e os passos com o seu rebordo de ferida na areia húmida, varrida, desesperadamente clara e cheia de horizonte. Ela dormia assim. Era um domingo. As casas dos sargaceiros, meio enterradas na areia, pareciam povoados abandonados, não com essa excitante sugestão duma cidade de província quando cai uma torrente de água e ela fica como que apagada de vida, com as suas velhas pedras escorrendo, todas brilhantes duma seiva nova, enquanto que, sob um arco, duma esquina, dum portal que nos traz o confortável cheiro dos carvões e dos molhos prensados das carquejas, julgamos ir ver surgir uma Lady Godiva tiritando no seu cavalo branco.” (*A Muralha*, Lisboa, Guimarães Editores, 1957, p. 7)

Xerazade e Ariane, Agustina desencoraja toda a glosa. Mas é uma Ariane de um tipo novo, uma Ariane a quem não convêm as palavras do sedutor invocadas pelo seu admirado Kierkegaard: “Toda a rapariga em relação ao labirinto da sua criação é uma Ariane com o fio nos dedos graças ao qual se pode servir desse labirinto mas ela mesma não sabe servir-se dele”. Agustina

soube, Agustina sabe. Com ele nas mãos, tranquila e impávida, como todos os heróis que povoaram a sua infância ardente, desfrutou o labirinto da vida, foi ao encontro do Minotauro que está no seu centro, roubou o ceptro de Teseu e saiu incólume para o ar do largo, salvou-se a si e às sete virgens prometidas aos manes do Monstro. Que maior vitória que a da sua ficção? Não dormiu em vão aos pés da Escada de Jacob com as suas asas falsas. Enquanto dormia os anjos subiam e desciam no seu coração e inspiraram-lhe os sonhos maiores que a vida, de que a vida é feita. E talvez mais do que tudo, a sua audácia tornou-se, para a ficção portuguesa um bem comum. Melhor, uma evidência. É tempo de o sabermos.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 28 DE SETEMBRO DE 2017)